

O SONHO DE D. HENRIQUE E AS CARAVELAS DE CRISTO

Fernanda Morais Maddaluno

“Eis mil nadantes aves, pelo argento
Da furiosa Tethys inquieta
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Pera onde Alcides pôs a extrema meta.”
(Lus. IV, 49)

Para Rafael

Antes de darmos início à nossa reflexão, achamos necessário prestar alguns esclarecimentos.

Por se tratar de uma figura histórica, o Infante D. Henrique aparece em diversos textos dos quais o historiador A. H. de Oliveira Marques aponta a desatualização, mesmo em se tratando do que aparece na *História de Portugal*, de Oliveira Martins e, principalmente, nos das Crônicas de Zurara, *Crônica dos Feitos da Guiné* e *Crônica da Tomada de Ceuta*, onde o cronista, mais do que se-lo do reino, é o cronista do infante, que ama, admira e reputa quase um santo.

Oliveira Marques aponta como trabalhos mais atualizados uma conferência de Peter Russel — “Prince Henry the Navigator” — Londres, 1960, e um artigo de Yves de Renouard — “L’Enfant Henri le Navigateur” — Paris, 1962, além de um pequeno livro de Vitorino Nemésio sobre D. Henrique e sua época, de 1959.

A escassez de textos e sua inacessibilidade, em alguns casos, levaram-nos à decisão de balizar nossas reflexões sobre o Infante pelo olhar de dois grandes poetas portugueses, Fernando Pessoa e Miguel Torga, com cuja visão plenamente nos identificamos.

Sabemos todos que a personalidade controvertida e a “desmedida”, no sentido heraclítico, são apanágio de todos os grandes heróis.

Se Oliveira Martins julga-o ambicioso e desumano e Zurara o venera como santo, isto não deve causar surpresa, se considerarmos o Infante D. Henrique como um dos muitos heróis da Saga de Portugal.

No século XV, a Europa saía da Idade Média cheia de aspirações confusas. Grandes nações, como a França e a Inglaterra, digladiavam-se entre si. Problemas internos paralisavam os reinos de Castela e Aragão, enquanto grandes cidades italianas, como Veneza e Florença, deixavam-se ofuscar pelo frutuoso comércio com o Oriente, esquecidas do mais. E o espírito de Cruzada parecia morto para sempre.

A velha chama quase extinta, porém, sobrevivia ainda nos corações bem nascidos, como o do Infante D. Henrique. Fazendo seu o ideal de Pedro, o Eremita, Ricardo Coração de Leão e de muitos outros cavaleiros do passado, o Infante decidiu aliar o ideal de levar a Boa-Nova e a Cruz de Cristo para as distantes regiões dominadas pelos muçulmanos, à ambiciosa necessidade de expandir o reino. A consciência das dificuldades e dos problemas por que passavam outras nações levaram-no a compreender que sua política expansionista, se imediatamente posta em prática, daria a Portugal uma enorme dianteira sobre elas.

Atingir as praias da Índia, partindo do oceano Atlântico, conquistar o norte da África, tirar do Islão as riquezas que lhe asseguravam o poder, dar à jovem nação portuguesa um imenso território, tornado cristão, deslocar para Lisboa o grande tráfico comercial proveniente do Leste, eis, em resumo, o projeto do que um dia viria a ser chamado de “plano das Índias”.

Portanto, não se pode falar das navegações sem que a figura de D. Henrique, cognominado “o navegador”, aflore ao pensamento.

Mas, quem verdadeiramente foi este homem?

Fernando Pessoa, na sua *Mensagem*, dedica-lhe dois poemas. No primeiro, ele é a cabeça do Grifo, ave fabulosa que encima a coroa do brasão português. Com bico e asas de águia e corpo de leão, o Grifo da emblemática medieval participa da simbologia daqueles dois animais, constituindo este aspecto um redobro, um reforço de sua natureza solar. Aliando o poder terrestre do leão com a energia celeste da águia, o Grifo inscreve-se na simbólica geral das forças salvíficas.

Quando o Poeta identifica o Infante à cabeça do animal fabuloso não o faz aleatoriamente. Como bom português, não desconhecia as grandes virtudes do Infante. Mas é a sua majestade que ele homenageia neste primeiro poema.

Em seu throno entre o brilho das esferas
Com seu manto de noite e solidão,
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras -
O único imperador que tem, deveras
O globo mundo em sua mão.

Ainda assim, certas palavras do poema já transitam do plano da realeza para o plano do sagrado. O trono colocado “entre o brilho das esferas” e o “manto de noite e solidão” apontam para o lugar do Infante, na grande constelação de heróis portugueses que se distinguiram pelo carisma e pela santidade.

No outro poema da *Mensagem*, que é o primeiro da sua segunda parte, o Poeta já não se preocupa com a grandeza material do Infante, mas procura revelar o aspecto de predestinação e sacralidade que o envolve. Como um instrumento de Deus, ele se submete a seu Senhor, por Ele sagrado. O verbo “sagrar” aparece duas vezes no poema, participando de dois campos de significação: o ato de sagração, a investidura numa dignidade por meio de cerimônia religiosa e também a consagração a Deus ou ao serviço divino.

Deus quere, o homem sonha, a obra nasce,
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se, a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te portuguez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal.

No verso final, o vocativo “Senhor” reveste-se de ambiguidade. Seja ele dirigido a Deus ou ao infante, o poema fecha-se misticamente, e a lembrança de D. Henrique permanece cercada por uma aura de quase santidade.

Alguns anos depois de Fernando Pessoa, outro poeta retoma a figura do Navegador. Desta vez é Miguel Torga, em seus *Poemas Ibéricos*.

Na bandeira das almas há uma alma
Que pesa mais no prato da balança;
Irradia vontade e confiança,
E os seus olhos videntes
Iluminam os outros penitentes.

O além do mundo, embora mundo ainda,
É tenebroso
É só o génio animoso
Dum inspirado
Tem a coragem nova de enfrentar
O medo acomodado
Que não deixa passar.

Segue ele à frente, pois, o espírito audaz,
Que só ele é capaz
De ir à frente e ser o derradeiro.
Guia de todos os descobrimentos,
É sempre ele o gajeiro,
Com nomes vários nos vários momentos.

Também no poema de Torga, o que aparece ressaltado é mais o aspecto espiritual do Infante do que a audácia material do empreendimento por ele executado. Palavras como “alma”, “olhos videntes”, “inspirado”, entre outras, mais uma vez retomam e reforçam a aura mística do Navegador que, com seu olhar iluminado por uma luz interior, vara as brumas do mar desconhecido e vê além; ali onde o medo punha fronteiras intransponíveis, como as do cabo Não, a coragem espiritual do Infante descobre caminhos e passagens, amparado pela fé em Deus e no seu sonho.

Mas serão apenas os olhos visionários dos poetas a descobrir ou a criar essa aura mística do Infante?

Em 1453, veio a lume a Crônica dos Feitos da Guiné, em seguida à da Tomada de Ceuta, acabada em 1450, ambas escritas pelo oficial da Corte, Gomes Eanes de Zurara. Muito embora o cronista trilhe, em sua historiografia, um caminho ufanístico, chegando muitas vezes ao panegírico, não podemos ignorar sua opinião sobre o Infante. De fato, em suas crônicas, Zurara faz dele quase um santo. Exalta-lhe a “grande força de caráter”, “a inteligência aguda”, mas, principalmente, admira-lhe a “mais perfeita castidade”, afirmando que “seu corpo era virgem quando o levaram para a terra”.

Cristão exemplar todos sabem que ele o foi, e como tantos outros heróis cujo modelo era, sem dúvida, Galaaz, o Infante acreditou ser a castidade indispensável para sua demanda.

Oliveira Martins, no entanto, revela outros aspectos de D. Henrique quando diz: “é desumano, como quase todos os grandes homens”. Já outro historiador, Oliveira Marques, engrandece o seu aspecto de príncipe dos alvares do Renascimento, cercado por escolares, físicos e navegadores, vindos de qualquer latitude e acolhidos favoravelmente pelo infante.

Em 1420, foi-lhe confiado o governo da Ordem de Cristo, o que lhe forneceu, então, a chance de pôr em prática seus sonhos audaciosos. Na sua recém fundada Escola de Sagres, construída “sobre uma língua de rocha

cravada nas ondas e açoitada pelo vento”, D. Henrique sonha com a fantástica empresa de desvendar o mar-oceano. Duas vezes por dia, o mar vinha bater com força no promontório de Sagres. Aos ouvidos do Infante, o rumor das vagas soava como uma chamada e uma profecia: o destino de Portugal, pareciam lhe dizer as águas, seu renome, encontravam-se nas líquidas planícies atlânticas. A riqueza futura, prometiam-lhe, viria menos dos campos sulcados pelo arado do que do ondulado mar cortado pelas proas. E das sementes de heroísmo ali plantadas, novos mundos nasceriam.

O Infante escuta a voz do mar, a encontrar ressonâncias em seus mais caros sonhos e, com a alma abrasada por um ardor quase místico, ele retorna à sua casa que batizara com o nome de “tercena naval”, corruptela de *darçena*, palavra veneziana, significando arsenal. Ali, inclinado sobre mapas e cartas de navegação, rodeado de mestres e discípulos, passa os dias a discorrer com eles e as noites “a interrogar silenciosamente os enigmas propostos pelos textos” e desenhos, com a esperança de descobrir os segredos escondidos nas dobras do manto azul do Tenebroso.

Um de seus maiores auxiliares foi o autor do célebre *Atlas catalan*, o judeu Mestre Jaime de Maiorca. Hábil não somente em desenhar mapas, ninguém o igualava na fabricação de astrolábios e de outros diversos instrumentos necessários à navegação. Junto ao cosmógrafo, D. Henrique mantinha a seu lado astrônomos, mercadores, navegadores que, juntos, o ajudavam a dar corpo a seus sonhos. Para manter toda essa gente, para construir e armar navios, pagar equipagens e capitães, o Infante dispunha dos recursos da Ordem de Cristo, “o que lhe garantia uma força militar permanente e amplos rendimentos em moedas e em gêneros”, como registra Oliveira Marques. Assim, é o Infante a dar início à expansão¹ do Império para além das fronteiras do continente europeu, usando para isso os haveres da Ordem dos Cavaleiros de Cristo, antiga Ordem do Templo, salva pelo rei D. Dinis da destruição, por ordem papal, em 1319. E tudo é realizado, então, tanto em espírito de Cruzada como em espírito de Cavalaria. Antônio Quadros afirma que

Tal como os cavaleiros usavam as cruzes de Cristo vermelhas e fendidas a branco nos mantos, também as caravelas as ostentavam na sua vela principal. Os cavaleiros tornaram-se em dito popular à época, os “caraveiros” de Cristo, sem nada perderem de suas características e de sua regra².

Portanto, coube ao Infante levar à frente e concretizar um dos aspectos do destino “missionante” de Portugal, aquele pequeno condado portugalense fadado a se expandir por terras e oceanos, dando guerra aos infiéis sob o signo da Cruz.

Da Galiza ao Algarve, a costa portuguesa se esboça geograficamente como um rosto, perfil da cabeça que é a Europa.

Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino lusitano
Onde a terra se acaba e o mar começa³.

Quatro séculos mais tarde, os versos de Camões ressoam nos de Pessoa:

Fita com olhar sphyngico e fatal
O Ocidente, futuro do passado

O rosto com que fita é Portugal⁴.

Nos versos dos dois Poetas maiores, Portugal aparece como um lugar predestinado, mesmo geograficamente. O majestoso perfil desenhado pela natureza, exposto aos ventos e aos açoites das vagas atlânticas parece adivinhar, para além do horizonte, as terras verdejantes, desde o céu assinaladas por uma luzente cruz de estrelas, à espera das pandas velas brancas com a Cruz de Cristo, mantos templários tremulando aos ventos do sul sidérico. As cortadoras proas das caravelas portuguesas cortam o “salso argento” a caminho do mar-oceano, das Índias, orientais e ocidentais, que o céu lhes destinara para que o 5º Império se tornasse real. Caravelas construídas com a madeira dos pinhais de Leiria que o rei-trovador plantara, sem saber que, mais uma vez, mesmo inconscientemente, agia movido pela mão do Fado.

O sonho de D. Henrique empurra as caravelas para o Longe, para além do Bojador, para os confins do mundo.

Referências Bibliográficas

- (1) MARQUES, A.H. de Oliveira. *História de Portugal*. 8ª ed. Lisboa, Palas Editores, 1980, p. 207, v.I.
- (2) QUADROS, Antônio. *Portugal, Razão e Mistério*. Lisboa, Guimarães, 1968, p.167, v.I.
- (3) CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*, in *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963, C. III, 20-22, p. 65.
- (4) PESSOA, Fernando. *Mensagem*, in *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965, p.71.